

2.

Por uma História dos subúrbios

*No livro da nossa história tem
conquistas a valer*
Passado de Glória - Monarco

Bento Santiago, personagem de Machado de Assis, expressa, no início de *Dom Casmurro* (1899), o desejo de escrever a “História dos subúrbios”. Dada a complexidade de tal trabalho, no entanto, acaba por contar suas reminiscências pessoais. Como destaca Nicolau Sevcenko em artigo publicado em 2007 na Folha de S. Paulo¹, *Dom Casmurro* não passaria de “um mero preâmbulo para a obra principal, um prelúdio para o estudo histórico da evolução urbana”. Ao contar, em 1890, a infância na casa da Rua Matacavalos, no centro do Rio, e seu relacionamento com Capitu e Escobar, o personagem de Machado de Assis acompanha as mudanças sociais e urbanas pelas quais o Rio de Janeiro passava na segunda metade do século XIX.

Morador do Engenho Novo no final da vida, Bentinho cresceu no centro do Rio de Janeiro, numa casa cuja estrutura familiar ainda era baseada na sociedade escravocrata, que só seria abolida em 1888, dois anos antes do início da narrativa. Depois de formado e casado, Bentinho e Capitu vão morar no bairro da Glória – destino das “famílias de mais altas rendas do segundo reinado” (Lobo *apud* Abreu, 2006, 41). O amigo Escobar, de família mais simples, sai do bairro do Andaraí para o Flamengo, detalhe que coincide com a criação das linhas de bonde, que tornaram esta freguesia mais acessível ao centro da cidade.

Esses deslocamentos, apesar de não passarem de detalhes periféricos à narrativa, são indícios das mudanças pelas quais a cidade do Rio de Janeiro passava nos primeiros anos da República. São também, como sugere o próprio narrador, o

¹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3009200701.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

preâmbulo de uma “História dos subúrbios”, desse novo espaço social, fruto do desenvolvimento dos meios de transporte, que facilitaram o trânsito de pessoas e fizeram surgir novas formas de se relacionar com a urbe e com os outros. Inserido no contexto político e econômico do fim da Monarquia (1808 – 1889) e instituição da República; e de mudanças sociais, como a abolição da escravidão (1888), a formação dos subúrbios estava diretamente relacionada ao surgimento de novos costumes e relações de poder.

Ao propor uma História para esse espaço, Machado de Assis também fazia uma importante observação no que refere à carência de uma História *do* subúrbio, visto que essa região, assim como a população que a habita, poucas vezes protagoniza as narrativas oficiais. De acordo com José de Souza Martins, um dos poucos acadêmicos brasileiros que se dedicaram ao estudo desse espaço no Brasil², existe uma distinção entre a história *do* subúrbio e a história *no* subúrbio.

A história *do* subúrbio é a história dos que ficaram à margem da História, confinados nos espaços residuais do trabalho e do local de trabalho. É a crônica do fragmentário, do que sobrou de um penoso dia de trabalho. A história *no* subúrbio é a explosão ocasional no cenário suburbano de episódios da grande História. (Martins, 2008, 55 – 56)

O que torna a ideia inicial do velho Casmurro tão revolucionária seria justamente a possibilidade de “chamar ao palco” os que ficaram à margem, “confinados nos espaços residuais do trabalho e do local de trabalho”, compor, portanto, uma história “do ponto de vista dos vencidos e não dos vencedores”, para utilizar expressão de Walter Benjamin em suas teses *Sobre o conceito de história*. Ao privar seus leitores da “História dos subúrbios” e focar sua narrativa – prioritariamente – nos acontecimentos do centro urbano, o personagem de Machado de Assis estaria reproduzindo a não representatividade do subúrbio na “grande História”. Ou, conforme colocou Martins: “Essa privação é parte da História e como tal deve ser compreendida” (2008, 57).

² Os estudos de José de Sousa Martins se referem, mais precisamente, à formação dos subúrbios industriais de São Paulo, como São Caetano do Sul, cidade natal do sociólogo. Em diversos artigos e livros, Martins analisa, também, os momentos iniciais do fenômeno de suburbanização paulista, que podem ser extrapolados ou analisados em paralelo às mudanças que também aconteciam no Rio de Janeiro.

Apesar de Machado de Assis não fazer da “História do subúrbio” o tema central da narrativa, as mudanças de Bentinho do Centro para a Glória e, em seguida, para o Engenho Novo, seguem a rota de expansão dos arrabaldes³ cariocas. Com o encurtamento das distâncias tornado possível pelo desenvolvimento dos trens e bondes, as regiões ao redor do centro da cidade passaram a ser vistas como locais refinados, onde seus moradores podiam desfrutar da beleza do campo e salubridade das infraestruturas modernas, sem abrir mão das comodidades da cidade. No período, a capital ainda não tinha passado pelas reformas urbanas que a tornariam digna de exposições mundiais. A dicotomia centro insalubre e arrabaldes limpos presente não só na obra de Assis, como em outras produções culturais da época, estava em consonância com o imaginário que o subúrbio ganhou no mundo ocidental após a Revolução Industrial, quando novas camadas sociais passaram “a dispor do espaço urbano para seus propósitos de enriquecimento, consumo, ostentação e lazer” (*apud* Sevckenko, 2007).

Na primeira parte da dissertação, essa História a que Bentinho intencionava se dedicar serve como premissa para um breve panorama histórico da expansão urbana carioca do final do século XIX ao início do século XXI, que não poderia ser feito sem traçar os devidos paralelos com as reformas urbanas e tendências urbanísticas e arquitetônicas que influenciaram as formas de ocupar a cidade moderna.

³ Almir Chaiban El-Kareh argumenta no artigo “Quando os subúrbios eram arrabaldes: um passeio pelo Rio de Janeiro e seus arredores no século XIX” (In *150 anos do subúrbio carioca*, 2010) que, no Rio de Janeiro, o termo arrabalde, do árabe “ar- rabad” (cercanias da cidade) era mais utilizado no século XIX do que “subúrbio” para designar o território próximo à cidade e dela dependente. É interessante observar que alguns arrabaldes do século XIX, como Flamengo e Botafogo, ganharam em seguida a denominação de bairros, enquanto outros, como Inhaúma e Méier, foram alçados ao imaginário popular de subúrbio.